

CADERNOS
MULTIMUNDOS
VOLUME 4

ORGANIZADORES
Pedro Pinto de Oliveira
Benedito Dielcio Moreira

COMUNICAR CIÊNCIA

Democracia, Cultura e Audiovisual

AUTORES

Benedito Dielcio Moreira • Bruno Araújo
Caterina Cucinotta • Claudia Magallanes Blanco
Daniel H. Cabrera Altieri • Dário Mesquita
Gil Baptista Ferreira • Jesús Ramé
João Carlos Correia • João Massarolo
Maristela Carneiro • Mirian Barreto Lellis
Paula Guimarães Simões • Paula Libos
Pedro Pinto de Oliveira • Safira Campos



CADERNOS
MULTIMUNDOS
VOLUME 4

ORGANIZADORES
Pedro Pinto de Oliveira
Benedito Dielcio Moreira

COMUNICAR CIÊNCIA

Democracia, Cultura e Audiovisual

AUTORES

Benedito Dielcio Moreira • Bruno Araújo
Caterina Cucinotta • Claudia Magallanes Blanco
Daniel H. Cabrera Altieri • Dário Mesquita
Gil Baptista Ferreira • Jesús Ramé
João Carlos Correia • João Massarolo
Maristela Carneiro • Mirian Barreto Lellis
Paula Guimarães Simões • Paula Libos
Pedro Pinto de Oliveira • Safira Campos



UFMT

PPGCOM
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E PODER • UFMT

multimundos



ECCO
ESTUDOS DE CULTURA
CONTEMPORÂNEA

| São Paulo | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

C741

Comunicar Ciência: Democracia, Cultura e Audiovisual /
Organização Pedro Pinto de Oliveira, Benedito Dielcio
Moreira. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

Cadernos Multimundos. Volume 4

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-953-6

DOI 10.31560/pimentacultural/978-65-5939-953-6

1. Audiovisual. 2. Democracia. 3. Cultura Científica.
4. Comunicação Pública de Ciência. 5. Negacionismo.
I. Oliveira, Pedro Pinto de (Org.). II. Moreira, Benedito Dielcio
(Org.). III. Título.

CDD: 302.3218

Índice para catálogo sistemático:

I. Comunicação Social - Democracia

II. Cultura Científica

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patrícia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patrícia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Deep Ai generation, gmstockstudio, welcomia - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Lavoir, Sofia Pro
Revisão	Marcos Viola Cardoso
Organizadores	Pedro Pinto de Oliveira Benedito Dielcio Moreira

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 4

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willering
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos aos conferencistas, autores e também às professoras doutoras que participaram do evento como mediadoras de algumas das conferências: Vera Regina Veiga França, da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil) e Ana Catarina Pereira, da Universidade da Beira Interior (Portugal). Agradecemos, especialmente, aos coordenadores dos programas de Pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, a Dr.^a Maristela Carneiro, do Programa em Estudos de Cultura Contemporânea — ECCO, e o Dr. Bruno Bernardo de Araújo, do Programa de Pós-graduação em Comunicação — PGCOM. O acervo de conhecimento resultante do evento está registrado em dois arquivos. O primeiro, à disposição para consulta da comunidade acadêmica e outros públicos, são as conferências gravadas em imagem e som, que podem ser acessadas nas redes sociais dos dois programas de pós-graduação realizadores do seminário, PGCOM e ECCO, ambos da Universidade Federal de Mato Grosso. O segundo é a produção deste livro, a forma tradicional de comunicação dos achados da ciência.

7

*Gil Baptista Ferreira
Instituto Politécnico de Coimbra*


EM QUEM CONFIAR?

**COMUNICAR CIÊNCIA
EM TEMPOS DE DESINFORMAÇÃO**

INTRODUÇÃO: DA PANDEMIA À INFODEMIA

A pandemia de COVID-19 aumentou a relevância da ciência nas reportagens, no discurso dos media sociais e nos processos de formulação de políticas, mais do que muitos outros eventos na história recente: virologistas tiveram destaque em jornais, indivíduos comuns discutiram conselhos médicos em sites de redes sociais e políticos discutiram sobre as últimas evidências epidemiológicas em debates parlamentares. A elevada importância da expertise científica reacendeu as discussões sobre como as sociedades devem comunicar sobre a ciência para garantir que as decisões individuais e políticas sejam baseadas nas “melhores evidências disponíveis” – e para explicar barreiras a essa comunicação, como a desconfiança do público em relação aos cientistas e uma suposta superabundância de informações falsas e enganosas, descrita como “infodemia” (Mede, 2022; Longstaff, 2005).


O presente capítulo parte e reproduz de muito perto um estudo desenvolvido em Portugal (Ferreira, 2021), ao longo de aproximadamente um ano (desde março de 2020 a fevereiro 2021), em que o tema da informação acerca da pandemia COVID-19 dominou a esfera pública em termos globais. Durante esse período, paralelamente à propagação global do próprio vírus, foi desde logo claro o surgimento de outro tipo de pandemia. O diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, alertava, nos primeiros meses da pandemia, que com a chegada e a disseminação da COVID-19, “na OMS, não estamos apenas a lutar contra o vírus, mas também contra os teóricos dos *trolls* e da conspiração que espalham informações erradas e prejudicam a resposta ao surto.” Em certa medida, esta ameaça tinha já sido antecipada, anos antes. Ainda em 2013, o Fórum Mundial Económico (WEF) assinalava a existência de fenómenos de desinformação digital massiva, cuja proliferação, a partir das redes sociais, representaria



uma das principais ameaças às nossas sociedades, nas suas diversas dimensões (Howell, 2013). Encontram-se hoje identificados múltiplos fenómenos de desinformação associados às plataformas de redes sociais. Com efeito, características como a abertura, a generalização do acesso e a diminuição dos mecanismos de controlo, combinados com automatismos de difusão massiva e/ou seletiva, vieram facilitar a criação e a disseminação de conteúdos de natureza diversa, geradores de informações falsas, desde rumores e boatos não verificados a notícias mal redigidas, conteúdos intencionalmente falsos ou ainda discursos contrários às evidências científicas.

Neste trabalho, utilizaremos o conceito de desinformação como forma de contemplar toda uma crescente quantidade de conteúdos com natureza e intencionalidade distinta (desde *spam* às *fake news*), num sentido equivalente ao termo "*misinformation*", enquanto "guarda-chuva para incluir todas as informações falsas ou imprecisas espalhadas pelos *media* sociais" (Wu, Morstatter, Carley, & Liu, 2019, p. 91). Utilizaremos ainda, como contraponto ao discurso da ciência, a noção de "teoria da conspiração", em acordo com a caracterização proposta por Freeman *et al.* (2020): entendimentos e narrativas que partem de quatro pressupostos – de que a realidade (o mundo ou um facto) é diferente do que parece; que há um ocultamento da verdade por parte de entidades poderosas; que esta percepção, ou teoria, é aceite por apenas uma minoria; e que, por fim, estas crenças não são passíveis de sustentação em evidências científicas.

De forma viral e potencialmente perigosa, um vasto conjunto de teorias anti-ciência e de rumores enganosos, com as características descritas acima, tem sido amplamente partilhado através dos *media* online – os quais incluem todas as grandes plataformas de redes sociais, de publicação de vídeos e de envio de mensagens (desde o Twitter ao Facebook, Instagram, WhatsApp, Youtube, etc.). Especulações, sem fundamento científico ou factual, sobre possíveis causas, terapêuticas ou mesmo sobre os próprios desenvolvimentos da pandemia, circulam de forma acelerada, causando confusão




e originando comportamentos de risco (Allington *et al.*, 2020). Indivíduos que se definem como especialistas interagem através redes sociais ou páginas web para informar sobre a doença, com relatos relativos à sua prática clínica - ora argumentando que a COVID-19 não provoca sintomas piores que uma gripe leve e, portanto, não é um perigo para a saúde, ora desvendando realidades assustadoras que os *media* profissionais ocultam. Para observadores propensos a crenças conspiratórias, mensagens deste tipo funcionam como mecanismo de confirmação de suposições já latentes (Goreis & Kothgassner, 2020). No todo que formam, as crenças conspirativas online sobre a COVID-19 surgem expressas como um “surto”, como a última onda de um “dilúvio de informações conflitantes, desinformação e informações manipuladas nas redes sociais” (Allington *et al.*, 2020, p. 1). Consideramos, assim, que a maior vítima da desinformação científica é o público, muitas vezes exposto a dilemas agravados pela confusão, pelo conflito e por teorias da conspiração que circulam nas plataformas de notícias.

Um estudo do Departamento de Estado norte-americano, publicado inicialmente no *The Washington Post* (fev. 29, 2020), referia que aproximadamente 2 milhões de tweets divulgaram informação falsa sobre o coronavírus durante as três semanas em que o surto começou a disseminar-se fora da China. Entre as publicações mais comuns, encontravam-se as que descreviam o vírus como “uma arma biológica”. Este e outros rumores falsos representaram 7% do total de tweets estudados e foram caracterizados como “potencialmente impactantes nas conversas mais participadas nos *media* sociais”, segundo o relatório obtido pelo *The Washington Post*. Encontram-se amplamente enunciadas as consequências negativas da desinformação, hoje particularmente abundante, sobre uma variedade de questões nos domínios da saúde. Entre elas, encontra-se a dissuasão de medidas preventivas eficazes e a diminuição da consciência das pessoas sobre a grau de nocividade de vírus e doenças (Allington *et al.*, 2020; Vraga, Tully, & Bode, 2020). Diversos outros estudos sugerem que à crença em desinformação relacionada com a COVID-19

estará positivamente associada a negligência na prevenção e a relutância em relação a medidas de proteção (Barua *et al.*, 2020), fatores que, por si só, contribuem para o aumento de desfechos fatais.

Soluções que visam abordar um público supostamente desconfiado e manipulável, e que possuem como meta ensinar às pessoas factos científicos, educando-as sobre os perigos da desinformação, são muitas vezes mal concebidas. Por um lado, baseiam-se na premissa de que a desconfiança e a suscetibilidade à desinformação se devem meramente a défices de conhecimento ou de literacia. É hoje sabido que orientações cétricas em relação à ciência e vulnerabilidade a informações falsas podem não apenas resultar de falta de compreensão, mas também de preferências políticas e de visões ideológicas do mundo – que as intervenções de literacia pouco conseguem contornar (Ecker *et al.*, 2022). Além disso, o raciocínio politicamente motivado pode impedir que os grupos-alvo dessas intervenções se envolvam prioritariamente nessas intervenções. Em tempos de incerteza, com a pandemia COVID-19 a dominar a esfera pública durante longos meses, e a afetar, sem exceção, todos os domínios da vida social e política, aquilo que, à partida, se definia enquanto crise de saúde pública, passa a apelar, para a sua análise, ao recurso a um outro conceito relevante no quadro das análises do nosso tempo: a noção de populismo. Com efeito, a relação entre “crise” e “populismo” tem sido um dos temas constantes na literatura social e política desde os inícios do século passado. Não apenas as “crises” são perspetivadas como momentos particularmente oportunos para o ressurgimento de atores populistas, como favorecem as divisões sociais e políticas e potenciam os discursos que separam e estimulam tensões – “povo” e “elites”, governantes e governados, sistema e indivíduos comuns. É em contextos de crise que “populistas” invocam e incorporam no seu discurso a expressão dessa mesma crise, integrando e unificando queixas e frustrações, desse modo mobilizando amplos setores sociais contra as “indiferentes elites”, apontadas como culpadas, em alguma medida, pelo estado de crise (Katsampekis *et al.*, 2020).




O papel dos *media*, neste processo, não é negligenciável. A disseminação de perspectivas críticas, hostis e populistas contra o conhecimento científico encontra-se intimamente ligada à ecologia dos *media* contemporâneos (Mede, 2023). Enquanto os *media* jornalísticos tradicionais tentaram adaptar as suas funções e a sua missão a um contexto em rápida evolução, as redes sociais e as “notícias alternativas na Internet” distinguem-se pelo viés específico que conferem aos acontecimentos. Mesmo quando não se trata de “notícias falsas” potencialmente perigosas e de teorias da conspiração, partilham predominantemente mensagens com um forte tom crítico, até mesmo anti-sistémico, opondo-se à visão dos *media mainstream* e do *establishment* político. De um modo muito estrito, alguns autores referem o surgimento de um *populismo pandémico*, que, neste período, vem contribuindo para a consolidação de “visões contraditórias, ameaçadoras e desconfiadas do mundo”. Perante este quadro, faz parte dos esforços da pesquisa académica analisar as patologias comunicativas que se desenvolveram paralelamente à pandemia, e procurar identificar conexões e padrões generalizáveis de *populismo pandémico* que, assinala-se, parecem co-evoluir com a propagação do próprio vírus (Boberg *et al.*, 2020).

São estes os propósitos deste texto.

REVISÃO DA LITERATURA


POPULISMO

A generalidade da literatura identifica um certo entendimento de “povo” como o elemento mais importante da ideologia populista. Desde logo, o povo é concebido como um grupo homogéneo ou monolítico, bom por natureza e detentor de todo um vasto reportório de atributos positivos - pureza, sabedoria ou autenticidade



(Albertazzi & McDonnell, 2008, p.6). Intimamente relacionado com o povo encontra-se o conceito de soberania popular, que define o povo como o soberano político legítimo e último, numa espécie de versão renovada (e não fiel) da ideia de vontade geral proposta por Rousseau. Na aceção populista, a soberania popular é uma premissa central para o funcionamento da democracia – sem a qual o seu funcionamento estará condicionado. É a partir deste argumento que o discurso populista denuncia a figura das elites, que mais do que acusadas de não representarem a vontade do povo, são responsabilizadas por traírem essa mesma vontade, e desse modo retirarem ao povo o seu direito legítimo de exercer o poder. As elites são ainda acusadas de cumplicidade com *outros externos* ao povo, que favorecem em prejuízo das pessoas comuns. O “outro” em oposição ao “povo” pode ser definido de diversas formas, a que correspondem diferentes versões de populismo. De um modo genérico, o populismo implica a oposição entre os cidadãos comuns e um *establishment* (sistema) corrupto (Mudde, 2004). Algumas formas de populismo acentuam perfis mais específicos de exclusão: grupos difusamente apontados como externos à comunidade (refugiados ou emigrantes, mas igualmente minorias étnicas, de género ou económicas), que, entre outros aspetos, são acusados de privarem o povo nativo do seu capital económico, simbólico e cultural (Mazzoleni, 2003).

De diversas formas, os atores sociais populistas apresentam-se como representantes, defensores e porta-vozes do povo. Nos seus traços mais comuns, o seu discurso organiza-se em torno de um desafio permanente: resgatar a soberania e devolvê-la ao povo. Para cumprir essas funções, duas competências são importantes: primeiro, uma sensibilidade muito apurada às opiniões e aos problemas que, em cada momento, possuem uma maior ressonância em setores amplos do público; depois, uma forma de comunicar que privilegia canais diretos e não *mediados*, sem a filtragem ou o controlo de *mediadores*, sejam elas quais forem (Canovan, 2002, p. 34; Kriesi, 2014, p. 363). Por seu turno, cidadãos com sentimentos populistas




são os que apoiam uma visão da vida social e política organizada e expressa dentro dessa ideologia (Schulz *et al.*, 2017). De um modo mais concreto, os indivíduos com sentimentos populistas mostram atitudes anti-elites e censuram a classe política, ou outras detentoras de poder, que acusam de terem perdido o contacto com o povo, e não atenderem aos seus problemas e interesses. Além disso, os cidadãos com sentimentos populistas exigem soberania popular ilimitada, de um modo que, nas suas formas mais extremas, permita submeter, sem restrições, elementos democráticos liberais ou direitos de minorias à expressão da soberania popular maioritária. Por fim, estes indivíduos partilham a imagem mitificada do povo como um grupo homogêneo e virtuoso, uma entidade coerente, honesta, inerentemente boa, com os mesmos valores e interesses.

REDES SOCIAIS E POPULISMO

A ligação entre os *media* e o populismo não é nova. Num primeiro momento, os meios de comunicação de massa proporcionaram aos populistas um canal mais direto para o povo do que aquele que era fornecido através de meios mais institucionalizados de comunicação política – como manifestos, discursos ou o próprio discurso parlamentar. Ainda assim, os populistas necessitavam de se submeter aos *gatekeepers* jornalísticos, aos seus critérios e rotinas e ainda aos ciclos inerentes à própria produção noticiosa (Shoemaker & Vos, 2009). Hoje, no ambiente criado pela Internet, esses fatores desempenham um papel menos importante, pelo menos em potência. Entre outros fatores, o ambiente online permite contornar os vários filtros tradicionais e criar formas de comunicação mais direta, descrita por alguns como “*one-step flow of communication*” (Bennett & Manheim, 2006; Vaccari & Valeriani, 2015).

A própria existência deste ambiente “livre” estimulou o surgimento de um populismo anti-*media* (Krämer, 2018), um pouco



por todo o Ocidente. Para os cidadãos com sentimentos populistas, aquilo que que seria uma forma saudável de ceticismo em relação aos *media* foi, progressivamente, substituído por um discurso de desconfiança em relação aos *media* profissionais, que deliberadamente atuam contra os interesses do povo (Schulz, Wirth & Müller, 2018). Estudos que combinam variáveis de exposição seletiva e de ceticismo em relação aos *media* (Stroud, 2008; Tsfatsi & Cappella, 2003) sugerem que os indivíduos com sentimentos populistas tendem a afastar-se dos *media* informativos *mainstream*, que acusam de mentir e de serem próximos das elites políticas.

É a partir daqui que as redes sociais surgem com um papel cada vez mais central na formação de opiniões políticas, à medida que assumem alguns dos papéis democráticos fundamentais que antes pertenciam aos *media* de massa - como fornecer informações e pontos de vista diversos sobre questões políticas e sociais da atualidade. Em plataformas como o Facebook ou o Twitter, indivíduos e atores políticos (populistas ou não) podem expressar os seus pontos de vista sobre questões sociais importantes, sem o condicionamento e a filtragem das regras profissionais e éticas que regulam os *media* profissionais (Papacharissi, 2010). Tomando partido dessa liberdade de expressão, tanto cidadãos como políticos utilizam estes meios, com frequência, para enfatizar a divisão entre o virtuoso indivíduo comum e o culpado antagonista externo. Alguns anos de pesquisas têm vindo a descrever casos em que atribuições de responsabilidades articuladas por atores populistas através das redes sociais influenciaram, de forma decisiva, as atitudes de setores importantes da opinião pública, em países distintos do Ocidente, com consequências relevantes do ponto de vista da vida social e política - que vão desde resultados eleitorais à própria visão da sociedade como um todo. Entre outros, um estudo de Hameleers, Bos & Vreese (2017) mostrou que mensagens populistas culpabilizantes das elites políticas afetaram negativamente as atitudes dos cidadãos em relação ao sistema político. Outro estudo, realizado por Matthes & Schmuck


(2017) revelou que publicações populistas, que atribuíram a responsabilidade por problemas sociais a imigrantes e a minorias, ativaram atitudes negativas em relação a esses grupos.

Se os atores sociais populistas possuem uma preferência pelos *media* sociais, pelo seu caráter direto e sem *mediação* profissional, diversos estudos têm mostrado que, de igual modo, na base, os indivíduos com sentimentos populistas tendem a privilegiar alguns tipos de meios sobre outros, enquanto fonte de informação. Os indivíduos populistas tendem a mostrar preferência por jornais tabloides, televisão comercial e conteúdos difundidos nas redes sociais, particularmente na rede Facebook. Além disso, são esperadas tendências de evasão em relação a jornais de qualidade (designados de referência) e notícias do serviço público de informação, que são associadas pelos atores populistas aos interesses estabelecidos e à informação manipulada. Outras características relevantes dos indivíduos com sentimentos populistas são a sua “relutância política” (Mudde, 2004, 547 e segs), a par com sentimentos de anomia e de falta de eficácia política, que, em conjunto, envolvem um certo grau de alienação sobre assuntos públicos e/ou políticos. Desta forma, estes indivíduos compõem mais um grupo disponível para ser mobilizado do que para ser autor das próprias iniciativas. Ao mesmo tempo, tende a emergir um desinteresse e uma evitação de informação política, associada a *hard news*. Esta tendência de evasão pode, por sua vez, ser reforçada pelas frequentes mensagens de censura contra os *media* informativos de referência, provenientes tanto dos atores populistas como disseminadas por outros indivíduos com sentimentos populistas, e que alegam a existência de uma aliança entre esses *media* e as elites, contra os interesses do povo (Krämer, 2018). Na medida em que esta percepção é interiorizada pelos indivíduos, ocorrerá o seu afastamento das notícias *mainstream* – ou, pelo menos, o seu consumo será marcado por ceticismo e por uma atitude adversativa.

COVID-19 E DISCURSO ANTI-CIÊNCIA


O atual contexto, atravessado por uma crise pandêmica com consequências nas múltiplas dimensões da vida social (desde o plano puramente sanitário ao campo económico, laboral, afetivo, social), veio sublinhar a importância de analisar a relação entre populismo e desinformação, e o modo como esta relação se desenvolve nos novos canais de comunicação. São diversos os estudos que têm vindo a valorizar o papel das redes sociais como foco de desinformação. Entre eles, de um modo mais específico, Valenzuela *et al.*, (2019) sugerem a existência de uma associação positiva entre a utilização de redes sociais social e a partilha de informações incorretas. Anspach e Carlson (2018) assinalaram uma maior propensão nos utilizadores de redes sociais como o Twitter e o Facebook para serem mal informados, tendendo, depois, a “relatar informações factualmente incorretas” (p. 697). A partir de dados recolhidos muito recentemente, já durante a pandemia COVID-19, Allington *et al.*, (2020) verificaram que quanto maior a dependência do Twitter, do Facebook ou do YouTube como fontes principais de informação, mais provável é a aceitação das diversas teorias da conspiração relacionadas com a pandemia.

Estão identificadas algumas razões que explicam porque a desinformação se torna facilmente viral no ambiente das redes sociais. Chen *et al.*, (2015) afirmam que as pessoas partilham desinformação devido às características específicas desse tipo de conteúdos: geralmente, os conteúdos de desinformação são mais “interessantes”, “novos e atraentes” e “podem ser um melhor tópico de conversa” do que os conteúdos compostos por informações autênticas (p. 587). Sugerem ainda que, quando partilha informações nas redes sociais, a maioria dos indivíduos não prioriza a precisão e a autenticidade. Estes dados reforçam a tese de que a maior parte da desinformação é baseada em teorias da conspiração, que, tipicamente, se propõem desvendar os propósitos maliciosos de certas



organizações do sistema ou de indivíduos poderosos, deste modo revelando segredos e histórias ocultas (Craft, Ashley, & Maksl, 2017). É com estas qualidades que este tipo de conteúdos atrai maior atenção e alcança níveis mais elevados de disseminação (Peter & Koch, 2019; Uscinski & Parent, 2014). Associado a isto, outros estudos sugerem que a utilização excessiva das redes sociais tende a criar fadiga dessas mesmas redes sociais, e, em consequência, a tornar os indivíduos menos propensos a validarem a veracidade das notícias que partilham (Ravindran, Yeow Kuan, & Hoe Lian, 2014). Estudos posteriores não apenas confirmaram esta percepção, como observaram uma associação positiva entre o uso excessivo de redes sociais, a fadiga que daí resulta, e a partilha online de notícias falsas (Talwar, Dhir, Kaur, Zafar e Alrasheedy, 2019).

É neste contexto, e em associação com as atitudes e crenças de natureza populista, que emerge o designado “conspiracionismo”. Nos seus principais traços, pode ser definido como a tendência para assumir que grandes acontecimentos com impacto nas nossas vidas, são secretamente orquestrados por entidades poderosas e malévolas, que agem em conjunto, de forma articulada (Douglas & Sutton, 2008). A ideia de que tais ações explicam a realidade social foi designada, de modo influente, como “teoria da conspiração da sociedade” por Karl Popper (2012), e as suas diversas teses são hoje popularmente conhecidas como “teorias da conspiração”. A pandemia COVID-19 e as medidas de prevenção e confinamento que lhe estão associadas criaram condições favoráveis ao desenvolvimento de crenças conspiratórias. Essas condições incluem a sensação de vulnerabilidade física, psicológica, financeira, num quadro de incerteza desenhado a partir de imposições vindas do poder formal (Governo, autoridades, elites científicas). Acresce que os efeitos das medidas restritivas terão sido maiores naqueles que se encontram em circunstâncias socioeconómicas mais frágeis, mais vulneráveis, sendo em muitos casos detentores de menor literacia mediática. Ao confinamento correspondeu ainda uma maior disponibilidade para o consumo de




conteúdos online: indivíduos com mais tempo livre, isolados e com acesso à Internet. A partir deste quadro, Freeman *et al.*, (2020) constataram que uma minoria significativa da população suporta visões excessivamente céticas, incluindo crenças conspiratórias falsas, em relação às explicações oficiais sobre a pandemia COVID-19. Essas ideias encontram-se ligadas a teorias da conspiração pré-existentes, a uma menor conformidade com as orientações do governo e a um maior ceticismo em relação às estratégias propostas pelas entidades responsáveis pela saúde.

Com efeito, de forma abundante, nas redes sociais online, este tipo de crenças tem surgido como explicação alternativa para as causas e para os factos associados à COVID-19. Uma pesquisa desenvolvida entre abril e junho do primeiro ano da generalização da pandemia (2020) identificou uma relação forte positiva entre o uso de plataformas de redes sociais como fontes de informação sobre a COVID-19 e a manutenção de uma ou mais crenças conspiratórias, tendo o YouTube tido a associação mais forte, seguido pelo Facebook (Allington *et al.*, 2020). Num verdadeiro surto de teorias da conspiração, este tipo de mensagens constitui-se como uma ameaça global à saúde pública. Num segundo nível de efeitos, dados do estudo de Allington *et al.*, (2020) verificam a existência uma forte ligação entre a crença em teorias da conspiração sobre o vírus e a prática de comportamentos de risco, durante as restrições impostas para evitar a sua disseminação.

DESENHO DE UMA PESQUISA

Como referido acima, o presente texto assume como referência um estudo anterior (Ferreira, 2021) sobre a relação entre atitudes políticas, fontes de informação valorizadas e aceitação de perspetivas conspiratórias/anti-ciência.



Segue-se, de modo breve e em síntese, o enquadramento e a identificação das variáveis e das questões de pesquisa formuladas nesse estudo.

As plataformas de redes sociais são há muito reconhecidas como grandes disseminadoras de desinformação sobre saúde. Estudos anteriores encontraram uma associação negativa entre comportamentos de proteção da saúde e crenças na forma de desinformação popularmente conhecida como ‘teoria da conspiração’. Têm sido abundantemente enunciadas preocupações sobre a disseminação de desinformação sobre a COVID-19 nas redes sociais. A atualidade e a gravidade deste assunto justificam que este estudo pretenda identificar fatores associados à aceitação de desinformação (e, em específico, “teorias da conspiração”) relativamente à pandemia COVID-19, no contexto português. É conhecida a importância que as redes sociais possuem, enquanto fonte, no atual ecossistema mediático. Alguns dos conteúdos específicos que ali circulam propõem-se a si mesmos como alternativos em relação à informação dos *media* mainstream e das fontes oficiais. É expectável identificar em indivíduos com sentimentos populistas, também eles com uma atitude adversativa de partida, taxas superiores de desconfiança em relação a instituições formais (Governo e Serviço Nacional de Saúde, e o modo como gerem a crise pandémica). Está ainda descrita a associação entre atitudes populistas, a valorização da informação através das redes sociais e a aceitação de desinformação – designadamente de algumas das teses classificadas como “teorias da conspiração/anticiência”.

As questões de pesquisa que servem de ponto de partida deste estudo são as seguintes:

- Q1:** Sentimentos populistas possuem impacto negativo na confiança na forma como o Governo se encontra a gerir a situação de crise pandémica?

Q2: Sentimentos populistas possuem impacto negativo na confiança na capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde à crise pandémica?


Respondidas estas questões, formulam-se as seguintes hipóteses:

H1: Identifica-se uma associação positiva entre sentimentos populistas e o uso das redes sociais como fonte de informação principal para obter informação sobre a pandemia COVID-19.

H2: Identifica-se uma associação positiva entre a crença em “teorias da conspiração/anti-ciência” e a preferência por redes sociais enquanto fonte principal de informação sobre a pandemia COVID-19.


RESULTADOS: POPULISMO, FONTES DE INFORMAÇÃO E NARRATIVAS ANTI-CIÊNCIA

Ao revelar uma categorização de 34% de indivíduos com atitudes populistas, a amostra estudada identifica um valor significativamente baixo, se tivermos como referência dados de outros estudos. Dados do *Digital News Report 2019*, do *Reuters Institute for the Study of Journalism*, com as mesmas medidas, mostram um valor de 73% para o nosso país. Mesmo para o país identificado com menor valor de atitudes populistas, a Dinamarca, o valor encontrado é de 42%, 8 pontos percentuais acima dos dados encontrados neste estudo. Consideramos como hipótese explicativa algum enviesamento da amostra, devido à sua dimensão e à metodologia da sua construção (técnica “bola de neve”). Mas, sobretudo, levamos em consideração o facto de as atitudes terem sido medidas numa situação muito específica de crise. Dados da atualização da primavera do *Edelman Trust*



Barometer (2020), dedicados à confiança durante a pandemia COVID-19, revelam uma mudança notável face a dados de janeiro: a confiança no conjunto dos governos estudados subiu em 11 pontos percentuais, tornando-os a instituição mais confiável pela primeira vez nos 20 anos de estudos desenvolvidos por este centro. Os dados do estudo relevam, contudo, uma menor confiança na forma como o Governo se encontra a gerir a situação de crise pandémica por parte dos indivíduos com sentimentos populistas, em comparação com os indivíduos com sentimentos *mainstream* (54%-68%), e, igualmente, um menor grau de confiança na capacidade de resposta do Serviço Nacional de Saúde (47%-61%). As diferenças de pontos percentuais indicadas, exatamente 14 pp em ambos os casos, possuem significado estatístico, e permitem responder afirmativamente às Questões de Pesquisa 1 e 2, sobre o impacto dos sentimentos populistas na confiança nas instituições sociais (política e sanitária), apesentando, desse modo, consonância com as referências identificadas na literatura.


O cruzamento das variáveis “atitude política” e “principal fonte” mostra que quase todos os meios são escolhidos por uma percentagem superior de indivíduos com atitude *mainstream*. São resultados em linha com uma tendência de aumento da confiança nas fontes autorizadas em tempos de maior risco e incerteza, como os que marcaram este estudo. A exceção é a fonte “redes sociais”: os indivíduos que a indicam como fonte principal dividem-se em 45,5% com “atitude *mainstream*” e 54,5% com “atitude populista”. Analisados os dados de forma parcelar, 6,2% dos indivíduos com atitude *mainstream* elegem as redes sociais como fonte principal, contra 14,5% de indivíduos com atitude populista. Estes dados confirmam os que identificámos na literatura apresentada acima, que refere a preferência de indivíduos populistas por jornais tabloides, televisão comercial e, de forma crescente, por conteúdos distribuídos pelas redes sociais. Os dados permitem assim *validar a Hipótese 1*, que sugere a associação positiva entre sentimentos populistas e o uso das redes sociais como fonte de informação principal para obter informação sobre a COVID-19.



Igualmente, a análise do comportamento dos indivíduos quando confrontados com as teses que associámos a teorias da conspiração relevou resultados em linha com outros resultados que citamos ao longo deste estudo. Designadamente: em relação à crença conspirativa/anti-ciência “O coronavírus é uma arma biológica chinesa desenvolvida no Instituto de Tecnologia de Wuhan” verifica-se a sua rejeição maioritária por parte dos indivíduos que tiveram como fonte principal qualquer dos meios, exceto os que elegeram as redes sociais, situação em que há uma igual percentagem de aceitação e rejeição (50% cada). Deve ainda assinalar-se que os valores de rejeição são particularmente elevados nos meios que implicam uma maior seletividade e uma atitude ativa na procura da informação (jornais digitais, 82,5%, e pesquisas na internet, 83,3%), face aos meios de informação cujo consumo é tendencialmente passivo e acidental (televisão e redes sociais). O teste estatístico realizado comprovou a existência de uma associação com significado entre as variáveis “fonte” e “desinformação”, positivamente correlacionadas. Estes dados *validam a Hipótese 2*, que sugere a associação entre a utilização das redes sociais como fonte principal de informação sobre a COVID-19 e a aceitação de conteúdos associados a teorias de conspiração/anti-ciência sobre a mesma problemática.


EM QUEM CONFIAR?

Os resultados alcançados apontam para várias perceções, que atravessam e unem os conceitos que intitulam o presente estudo: em quem confiar, perante a cacofonia discursiva e contraditória, em que na aparência os discursos de contradizem e equivalem? Em tempos de pandemia, acabados de entrar no estado de emergência, maioritariamente confinados, os indivíduos questionados consumiram informação em todas as fontes disponíveis (televisão, redes




sociais, jornais digitais e Internet), mas atribuíram maior credibilidade aos meios de informação convencionais – à televisão e aos jornais. As redes sociais, apesar de regularmente consultadas, mereceram a confiança de uma minoria. Destacamos o papel determinante que continua a ser atribuído pelos indivíduos aos *mediadores* profissionais – apesar da torrente contínua de informação a que são expostos, de diversas formas, a televisão continua a ser a fonte de informação de referência, e os jornais digitais suplantam largamente a importância que atribuem à informação sem filtragem profissional e deontológica que atravessa as redes sociais. Podemos assim sugerir a existência de elementos que apontam para competências de literacia digital – ao verificar-se a atribuição de uma hierarquia na informação – com o jornalismo obter maior credibilidade face à veiculada pelas redes sociais.

Assinalamos, de forma muito clara, que as atitudes populistas não serão as únicas ou mesmo o preditor mais forte da aceitação de crenças conspiratórias acerca da COVID-19; nesta medida, identificar outras relações será trabalho para pesquisas futuras, no sentido propor respostas e estratégias de comunicação adequadas a novas situações de crise global sem precedentes, como foi o caso presente. Não obstante, este estudo identificou a associação entre atitudes políticas de populismo e as escolhas que os indivíduos valorizam para se informarem sobre a doença. Indivíduos com sentimentos populistas tendem a privilegiar as redes sociais como fonte de informação; indivíduos com atitudes *mainstream* confiam preferencialmente nos meios profissionais de informação. Em linha com a literatura apresentada, este estudo sugere que indivíduos com sentimentos populistas tendem a afastar-se dos *media* informativos *mainstream* – que o ideário populista descreve como próximos das elites e associados a interesses instalados. Para além da preferência informativa, os restantes dados que caracterizam os indivíduos com sentimentos populistas são consistentes entre si – maior desconfiança em relação aos governantes e à capacidade do Serviço



Nacional de Saúde acompanham a maior percentagem de aceitação de desinformação e o perfil de seleção de fontes. Em consequência, estes indivíduos encontrar-se-ão numa situação de maior vulnerabilidade perante o surto infodémico a que são expostos. São estes indivíduos os que menos rejeitam teorias falsas, neste caso sobre a pandemia, sobre as suas causas e sobre a sua natureza. De uma forma muito concreta, os dados deste estudo confirmam uma percepção relativamente estabilizada: que quando usadas como fonte de informação, as redes sociais podem representar um importante risco para a saúde pública, na medida em que nelas se desenvolvem dois papéis interligados, com consequências não negligenciáveis: o papel de disseminador de crenças falsas e conspiratórias e o de descredibilização de mensagens oficiais de combate à doença.

Identificamos, por fim, aquele que constitui, na nossa perspectiva, o contributo mais relevante do presente estudo, e que atravessa os campos científicos complementares e interligados dos estudos dos *media* (da educação para os *media* à literacia mediática) e dos estudos políticos (das práticas de cidadania à participação política). Ao mostrar a associação de atitudes populistas à seleção e à importância das fontes de informação, os resultados deste estudo evidenciam a fragilidade desses indivíduos quando confrontados com desinformação e crenças conspirativas, com consequências em termos da formação da sua opinião e da ação pública que irão protagonizar. Os tempos de crise agudizam os efeitos deste processo, mas igualmente o seu impacto social. Sabemos que são as percepções de risco, e não o risco real, que determinam como as pessoas reagem às crises. A informação verdadeira, mas igualmente os vários tipos de informações erradas (as informações imprecisas e as propositadamente falsas), ao serem aceites como válidas, moldam a forma como as pessoas entendem e respondem a esta crise de saúde pública, e igualmente a avaliação que fazem do modo como as instituições estão a lidar com ela. Resulta daqui uma implicação prática: estas percepções apontam a importância (e a necessidade) de ações de



literacia mediática que dotem os indivíduos de mecanismos de aferição da credibilidade das fontes de informação. Sabendo que as crenças conspirativas podem ser facilmente disseminadas através das redes sociais, atuar sobre grupos que têm maior probabilidade de obter informações nas redes sociais afigura-se como positivo para quebrar esse círculo vicioso de desinformação.

Ao identificar fatores que influem no círculo descrito acima, este estudo não deixará de ser um contributo positivo para a conceção de estratégias que atenuem os riscos e as ameaças que este mesmo processo contém – favorecendo dessa forma o achatamento das curvas de infodemia e de desinformação. Dada a falta de confiança de algumas comunidades na ciência e a existência de lacunas de conhecimento, as novas informações deverão considerar o modo como diferentes públicos enquadram essas informações. Décadas de pesquisa em ciências da comunicação, sociologia, ciência política e psicologia social mostram que a mesma informação é interpretada de maneira muito diferente pelos diversos públicos – basta que seja apresentada de maneiras que ressoem ou não com os seus esquemas interpretativos e as suas visões do mundo. Sempre que os cientistas comuniquem sem tomar em linha de conta tais enquadramentos (e os valores e sistemas de crenças dos cidadãos em vez dos próprios), não surpreenderá se as suas mensagens favorecerem os grupos à partida mais interessados em ciência, já alinhados com a comunidade científica. Contudo, deixando para trás grupos geralmente mais vulneráveis e com menor acesso à informação científica dos *media* de referência.

Uma última palavra para assumir que a designada “inoculação de conhecimento”, entendida enquanto antídoto para a desconfiança na ciência, traz também consigo importantes riscos. Elenquemos três: o de ser normativamente questionável, enquanto forma de “engenharia social” que transforma a opinião de cidadãos submissos à vontade de decisores políticos e de cientistas (Freiling *et al.*, 2023); o de desconsiderar dinâmicas de ação social, de cidadania ativa e posicionamento crítico face à ciência; e, por fim, o risco de

ignorar que um certo grau de escrutínio público da ciência não deixa de ser um importante contributo para o funcionamento de qualquer democracia, sempre dependente de freios e de contrapesos a aplicar aos decisores e aos responsáveis pela produção de conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

Albertazzi, D., & McDonnell, D. (Eds.) (2008). *Twenty-first century populism: The spectre of Western European democracy*. Basingstoke: Palgrave.

Allington, D., Duffy, B., Wessely, S., Dhavan, N., Rubin, J. (2020). Health-protective behaviour, social media usage and conspiracy belief during the COVID-19 public health emergency. *Psychological Medicine* 1–7. doi: 10.1017/S003329172000224X.

Anspach, N. M., & Carlson, T. N. (2018). What to believe? Social media commentary and belief in misinformation. *Political Behavior*, 1-22. DOI: 10.1007/s11109-018-9515-z.

Barua, Z., Barua, S., Aktar, S. *et al.* (2020). Effects of misinformation on COVID-19 individual responses and recommendations for resilience of disastrous consequences of misinformation, *Progress in Disaster Science*. doi:10.1016/j.pdisas.2020.100119.

Bennett, W. L., & Manheim, J. B. (2006). The one-step flow of communication. *Annals of the American Academy of Political & Social Science*, 608, 213–232.

Boberg, S. & Quandt, T. & Schatto-Eckrodt, T. & Frischlich, L. (2020). *Pandemic Populism: Facebook pages of alternative news media and the Corona crisis - a computational content analysis*. Muenster Online Research (MOR) Working Paper 1.

Canovan, M. (1999). Trust the people! Populism and the two faces of democracy. *Political Studies*, 47, 2–16. doi:10.1111/1467-9248.00184.

Canovan, M. (2002). Taking politics to the people: Populism as the ideology of democracy. In Y. Mény & Y. Surel (Eds.), *Democracies and the populist challenge* (pp. 25–44). Basingstoke: Palgrave.

Chen, X., Sin, S. C. J., Theng, Y. L., & Lee, C. S. (2015). Why students share misinformation on social media: Motivation, gender, and study-level differences. *The Journal of Academic Librarianship*, 41(5), 583-592.

- Craft, S., Ashley, S., & Maksl, A. (2017). News media literacy and conspiracy theory endorsement. *Communication and the Public*, 2(4), 388-401.
- Douglas, K. M., & Sutton, R. M. (2008). The hidden impact of conspiracy theories: Perceived and actual influence of theories surrounding the death of Princess Diana. *The Journal of Social Psychology*, 148, 210-222. <https://doi.org/10.3200/SOCP148.2.210-222>.
- Edelman Trust Barometer Spring Update: Trust and the Covid-19 Pandemic (2020). In <https://www.edelman.com/research/trust-2020-spring-update> (28/11/2020).
- Freeman, D., Waite, F., Rosebrock, L., Petit, A., Causier, C., East, A., Lambe, S. (2020). Coronavirus conspiracy beliefs, mistrust, and compliance with government guidelines in England. *Psychological Medicine*, 1-13. doi:10.1017/S0033291720001890.
- Ferreira, G. B. (2021). Teorias da Conspiração em Tempos de Pandemia Covid-19: Populismo, Media Sociais e Desinformação. *Comunicação e Sociedade*, 40, 129-148. [https://doi.org/10.17231/comsoc.40\(2021\).3324](https://doi.org/10.17231/comsoc.40(2021).3324).
- Fuchs, C. (2020). Everyday Life and Everyday Communication in Coronavirus Capitalism. *tripleC: Communication, Capitalism & Critique*. <https://doi.org/10.31269/triplec.v18i1.1167>.
- Garrett, L. (2020). COVID-19: the medium is the message. *The Lancet*, 395, 942-943. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30600-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30600-0).
- Goreis, A., & Kothgassner, O. D. (2020). Social Media as Vehicle for Conspiracy Beliefs on COVID-19. *Digital Psychology*, 1(2), 36-39. <https://doi.org/10.24989/dp.v1i2.1866>.
- Hameleers, M., Bos, L., & Vreese, C. H. d. (2017). Shoot the messenger? The media's role in framing populist attributions of blame. *Journalism*. Advance online publication. doi: 10.1177/1464884917698170.
- Howell, L. (2013) Digital wildfires in a hyperconnected world. WEF Report 2013. Available at reports.weforum.org/global-risks-2013/risk-case-1/digital-wildfires-in-a-hyperconnected-world. Accessed Janeiro, 2021.
- Katsampekis, G. *et al.* (2020). Populism and the Pandemic: A Collaborative Report. POPULISMUS Interventions No. 7.
- Krämer, B. (2014). Media populism: A conceptual clarification and some theses on its effects. *Communication Theory*, 24, 42-60. doi:10.1111/comt.12029.
- Kriesi, H. (2014). The populist challenge. *West European Politics*, 37(2), 361-378.

Longstaff, P. H. (2005). Security, resilience, and communication in unpredictable environments such as terrorism, natural disasters and complex technology. Harvard University and the Center for Information Policy Research, Cambridge, Massachusetts, USA.

Matthes, J. & Schmuck, D. (2017). The effects of anti-immigrant right-wing populist ads on implicit and explicit attitudes: A moderated mediation model. *Communication Research*, 44 (4), 556–581. doi:10.1177/0093650215577859.

Mazzoleni, G. (2003). The media and the growth of neo-populism in contemporary democracies. In G. Mazzoleni (Ed.), *The media and neo-populism: A contemporary comparative analysis* (pp. 1– 20). Westport, CT: Praeger.

Mede, N.G. (2022). "Science communication in the face of skepticism, populism, and ignorance: What 'don't look up' tells us about science denial — and what it doesn't," *Journal of Science Communication*, 21(05).

Newman, N. , Fletcher, R. , Kalogeropoulos, A. , & Nielsen, R. K. (2019). Reuters institute digital news report 2019 . Oxford : Reuters Institute for the Study of Journalism.

Papacharissi, Z. A. (2010). *A Private Sphere: Democracy in a digital age*. Cambridge: Polity.

Peter, C., & Koch, T. (2019). Countering misinformation: Strategies, challenges, and uncertainties. *SCM Studies in Communication and Media*, 8(4), 431-445.

Pew Research Center (2018). "In Western Europe, Public Attitudes Toward News Media More Divided by Populist Views Than Left-Right Ideology."In: www.pewresearch.org.

Popper, K. R. (2012). *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos-Vol.I*. Edições 70, Lisboa.

Ravindran, T., Yeow Kuan, A. C., & Hoe Lian, D. G. (2014). Antecedents and effects of social network fatigue. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, 65(11), 2306-2320.

Sahni H. & Sharma, H. (2020). Role of social media during the COVID-19 pandemic: Beneficial, destructive, or reconstructive?. *Int J Acad Med* 2020;6:70-5. doi: 10.4103/IJAM. IJAM_50_20.

Schulz, A. *et al.* (2017). Measuring populist attitudes on three dimensions. *International Journal of Public Opinion Research*. Advance online publication. doi:10.1093/ijpor/edw037.

Schulz, A., Wirth, W. & Müller, P. (2018). We are the people and you are fake news: A social identity approach to populist citizens' false consensus and hostile media perceptions. *Communication Research*. doi:10.1177/0093650218794854.

Shoemaker, P. J. & Vos, T. P. (2009). *Gatekeeping Theory*. New York: Routledge.

Stroud, N. J. (2008). Media use and political predispositions: Revisiting the concept of selective exposure. *Political Behavior*, 30(3), 341-366.

Talwar, S., Dhir, A., Kaur, P., Zafar, N., & Alrasheedy, M. (2019). Why do people share fake news? Associations between the dark side of social media use and fake news sharing behavior. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 51, 72-82.

Tsfati, Y. & Cappella, J. N. (2003). Do people watch what they do not trust? Exploring the association between news media skepticism and exposure. *Communication Research*, 30, 504-529. doi:10.1177/0093650203253371.

Uscinski, J. E., & Parent, J. M. (2014). *American conspiracy theories*. Oxford, UK: Oxford University Press.

Vaccari, C. & Valeriani, A. (2015). Follow the leader! Direct and indirect flows of political communication during the 2013 Italian general election campaign. *New Media & Society*, 17(7), 1025-1042.

Valenzuela, S., Halpern, D., Katz, J. E., & Miranda, J. P. (2019). The paradox of participation versus misinformation: Social media, political engagement, and the spread of misinformation. *Digital Journalism*, 7(6), 802-823.

Vraga, E., Tully, M., & Bode, L. (2020). Empowering Users to Respond to Misinformation about Covid-19. *Media and Communication*, 8(2), 475-479. doi:http://dx.doi.org/10.17645/mac.v8i2.3200.

World Health Organization. (2020). Infodemic management: Infodemiology. World Health Organization. Disponível em <https://www.who.int/teams/risk-communication/infodemic-management>.

Wu, L., Morstatter, F., Carley, K.M. & Liu, H. (2019). Misinformation in Social Media: Definition, Manipulation, and Detection. *SIGKDD Explorations*, 21, 80-90. doi: <https://doi.org/10.1145/3373464.3373475>.